

Rafael Ferreira de Souza

Lugares abandonados

decadência urbana e desolação na cidade

Resumo

O presente artigo pretende elaborar uma reflexão crítica acerca dos lugares abandonados, buscando uma compreensão sobre o esfacelamento do corpo edificado na malha urbana da cidade, a degradação do espaço construído, suas origens e o significado simbólico-representativo na representação imagética da cidade, no cognitivo da memória urbana. O estudo será estruturado a partir de uma introdução e o subsequente desenvolvimento de três partes, a saber: (i) processos e rupturas, (ii) representação simbólica do abandono, (iii) espaços liminares e o movimento Urbex, seguido por uma conclusão final. Utilizando como diretriz fundamental um pensamento crítico acerca do processo de decadência urbana, opto por uma abordagem de valoração do abandono em seu interstício, almejando entender a presença inegável das ruínas na morfologia urbana e, por conseguinte, na composição da estética da cidade. Desta forma, percebendo-se o arruinamento como parte componente da identidade cultural lograda na apreensão dos espaços construídos da urbe.

Lugares abandonados

Decadência urbana

Representação simbólica

Ruínas urbanas

Espaços liminares

Abstract

The present article intends to elaborate a critical reflection on abandoned places, seeking an understanding about the shattering of the built body in the city's urban network, the degradation of the built space, its origins and the symbolic-representative meaning in the imaginary representation of the city, in the cognitive urban memory. The study will be structured from an introduction and the subsequent development of three parts, namely: (i) processes and ruptures, (ii) symbolic representation of abandonment, (iii) liminal spaces and the Urbex movement, followed by a final conclusion. Using as a guideline a critical thinking about the process of urban decay, I opt for an approach of valuing the abandonment in its interstice, aiming to understand the undeniable presence of the ruins in the urban morphology and, consequently, in the composition of the aesthetics of the city. In this way, perceiving the ruin as part of the cultural identity achieved in the apprehension of the built spaces of the city.

Abandoned places

Urban decay

Symbolic representation

Urban ruins

Liminal spaces

INTRODUÇÃO

O que nos diz o atual cenário de desamparo de inúmeros locais e construções em diversas cidades do mundo? Qual seria a incapacidade das sociedades atuarem de maneira eficaz na reversão de um processo de abandono brutal que assola nossos espaços? Numa dialética entre o passado e o presente, uma incógnita que paira no imaginário, permeada de assombro, nos comunica a dissolução de ciclos de prosperidade que por motivos econômicos, por desastres ambientais, guerras ou por entraves burocráticos, interrompem a vida e “progresso” do ambiente construído. A osmose de contaminação da decadência se espalha e o que nos resta são locais esquecidos pela sociedade e renegados ao acaso, que se deterioram em estados tão extremos que em sua maioria são irreversíveis.

Contudo, esses cenários, essas paisagens da desolação, essas antiestructuras são providas de grande poder simbólico-representativo e como uma fratura exposta do sistema capitalista industrial, financeiro e especulativo estampam a problemática urbana em sua fissura maior, a decadência e o colapso das estruturas.

Esse lapso de tempo que engendra uma nova configuração estética faz das ruínas¹ urbanas um reproduzidor imagético de impacto e seu papel na memória coletiva urbana se torna afirmativo.

As construções arquitetônicas em ruínas de áreas consideradas como “cidade marginal”, aquela que perdeu sua função, seu uso, sua importância e que agora é palco de subversão, perigo, a famigerada “cidade esquecida” ou os vazios urbanos, irrompem em nossa paisagem e para além das tímidas iniciativas do urbanismo tático (considerando o seu uso momentâneo por aqueles que os exploram), esses lugares seguem moribundos em um rumo perempto, até que o interesse do capital volte a circundá-los (obstinando sua demolição) ou que ocupações voluntárias tomem corpo, se tornando assim, nesse interstício, um espaço residual vazio.²

1 A palavra ruína é comumente empregada como forma de definir edificações velhas e abandonadas, sem uso e depreciadas pelo tempo. As ruínas fazem parte da paisagem cultural das cidades sendo testemunhas do tempo e patrimônio cultural da população (BORGES et al., 2014, p.1).

2 Os espaços residuais são os vazios, construções abandonadas, espaços públicos abandonados, vãos entre as edificações, recortes, sobreposições, dobras e fissuras impressas no território, pelos sistemas de circulação, pelo zoneamento e planejamento urbano, pelo crescimento explosivo, pela atuação da especulação imobiliária e pela constante valorização, desvalorização e revalorização de regiões urbanas (RAMOS, 2009, p.12).

PROCESSOS E RUPTURAS

O surgimento e o desaparecimento das cidades ao longo da história demonstram como as constantes mudanças das atividades locais de sua população e de seu modo de vida, bem como a integração e consequente influência de seu entorno, do meio ambiente e de todas as relações de forças que compõem uma localidade podem proporcionar guinadas para novos rumos, nem sempre de prosperidade e progresso. Nesse sentido, o trabalho milenar do campo científico da arqueologia nos traz uma compreensão clara das vicissitudes das cidades no decorrer do tempo, onde as escavações nos revelam camadas sobrepostas de antigas civilizações e seus locais de habitar.

Ao longo do tempo, lugares foram sendo abandonados pela população em diversos locais do mundo por razões distintas e que capitanearam um processo irrefutável de decadência nas cidades. Por vezes a esfera econômica, outrora desastres ambientes (tanto naturais como os induzidos pelo mau uso e negligência humana) foram o embrião do abandono. Esse efeito dominó causou o colapso de estruturas espaciais (estruturas essas que se amalgamam às também multifacetadas estruturas sociais e econômicas) e a capacidade de reverter esse cenário mostrou-se totalmente refutada.

A cidade norte-americana estadunidense de Detroit, no estado de Michigan, talvez seja o postulado mais universal da derrocada do capital que causou um abrupto esfacelamento das estruturas de uma das maiores cidades dos Estados Unidos da década de 1970, berço da indústria automobilística, que viu seu rumo mudar drasticamente com a mudança do setor produtivo para o Japão e para a Alemanha, entrando assim em uma vertiginosa decadência da malha urbana construída, como consequência direta do forte declínio econômico. Apesar de atualmente haver um movimento de recuperação e regeneração através principalmente de iniciativas pautadas em atividades culturais e até mesmo de uma nova onda de turismo alimentando a cidade, ainda assim o cenário desolador assola grande parte do tecido urbano, incluindo inúmeros prédios históricos de renome internacional como a antiga estação central de trens, a Michigan Station.

Ainda na seara do declínio econômico, temos em solo nacional um curioso exemplo na cidade de Fordlândia, no estado da região norte do país, o Pará. No final da década de 1920, o então homem e empresário mais rico do mundo Henry Ford, dono também da maior indústria automobilística, resolveu se aventurar por terras brasileiras com o intuito de produzir

borracha para pneus.³ Após quase duas décadas de investimento maciço tanto na construção da cidade como de suas fábricas e plantações de seringueiras, seu projeto urbano na selva amazônica chegava ao fim com a devolução do território ao governo brasileiro e a conseqüente decadência e o abandono quase que completo de toda a estrutura edificada. O principal fator para a derrocada foi a incapacidade de entender o bioma local e as necessidades plurais para fazer resplandecer a produção do látex extraído das citadas seringueiras.

No que tange aos desastres ambientais, inúmeros casos poderiam ilustrar nosso estudo, mas como o intuito não é a realização de pesquisas históricas, e sim uma reflexão crítica da representação simbólica, buscarei apenas salientar casos notáveis para maior entendimento desses processos de rupturas.

No livro *Cidades mortas*, o autor Mike Davis conduz um relato apocalíptico das mazelas que nossa sociedade vem causando ao meio ambiente. Falando sobre lugares abandonados do estado americano de Nevada, onde no período da Guerra Fria foram realizados inúmeros experimentos bioquímicos, enormemente prejudiciais tanto à população como ao meio ambiente, o autor relata:

Meia dúzia de ranchos abandonados, agora cheios de mato seco, é tudo que resta dos imigrantes que trabalhavam na tecelagem de algodão inglesa [...]. A cidade fantasma de Iosepa, ali perto, testemunha o sofrimento de várias centenas de nativos havaianos convertidos, chegados uma geração depois, que lutaram contra a seca, a saudade de casa e a lepra (DAVIS, 2007, p.68).

Ainda nos Estados Unidos a cidade de Centralia, no estado da Pensilvânia, foi palco de um acontecimento peculiar. A cidade era um local de exploração de minério e também possuía um aterro sanitário para lixo. Em uma das queimadas deste lixo residual um fogo se alastrou por antigas camadas subterrâneas da área mineradora, que a princípio já haviam sido isoladas, e gradativamente o solo da cidade começou a rachar e a erupção de fogo pelas rachaduras no terreno causou espanto e pânico na população local. Apesar de algumas ações do poder público em tentar conter o desastre, sua eficácia foi quase nula e lentamente a cidade foi sendo despovoada, se tornando

uma cidade fantasma.⁴

Por último, não podemos deixar de aludir ao catastrófico desastre nuclear ocorrido na usina nuclear de Chernobil, no ano de 1986, que culminou no abandono de uma das cidades mais prósperas da Ucrânia, chamada Pripyat, que havia se desenvolvido e se consolidado economicamente graças à referida usina e que atualmente é apenas um território fantasmagórico, assombrado pelo passado impiedoso de arruinamento ambiental com altos índices de radioatividade.

REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO ABANDONO

A imagem do abandono e de ruínas sempre esteve presente no imaginário dos povos. Desde a Idade Média, quando a concepção de patrimônio começou a ganhar representatividade entre intelectuais, arquitetos, médicos e arqueólogos e as conhecidas expedições para reconhecimento e registro de ruínas começaram a se propagar (CHOAY, 2006), a temática supracitada obteve espaço nos diálogos e discussões acerca da representação da cidade em seu estado de decadência.

Já no século XVIII, na Europa, existiam os amantes das ruínas e suas imagens pitorescas, inúmeros pintores registraram trabalhos com um viés romântico da arquitetura abandonada. Mais tarde, com o advento da fotografia, as ruínas ganharam novos significados imagéticos e começaram a aparecer em diversos ensaios em formas de documentários, principalmente nos destroços urbanos do pós-guerra, e ainda mais recentemente com a fotografia digital uma miríade estética do abandono perfilou o mundo virtual. (KUSHINSKI, 2016).

No livro *O espelho das cidades*, o sociólogo e filósofo francês Henri-Pierre Jeudy ressalta:

Os fotógrafos procuram na maioria mais das vezes, ao menos em nossa época, fazer falar o que a cidade parece esconder. Bom número deles insistem nos “não lugares”, nos territórios indefiníveis, continuam fascinados pelos “entre-dois-espacos”. Captam imagens parecidas com “montagens naturais”, que associam “fragmentos de realidade” a fim de provocar e manter uma sensibilidade própria das aparições insólitas (JEUDY, 2005, p. 82).

3 CANAL BRASIL. Fordlândia. (2008). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x2SpGRuwqA4>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

4 COWEN, Richard. The “Saga” of the Centralia, PA Underground Mine Fire. (s.d). Disponível em: <<http://epidote.wvgs.wvnet.edu/enviro/centralia.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

No entanto, a concepção de ruína apenas como sítio ou arquitetura histórica destruída pelo tempo não seria apta para essa abordagem e sim um alargamento da ideia de abandono que contemple não somente lugares históricos, mas também concretudes arquitetônicas espaciais contemporâneas, que ainda não tiveram um acúmulo de tempo necessário para que se adense a crosta de poeira contida na ruína. Como salienta a doutora em comunicação e cultura pela Universidade de York de Toronto no Canadá Alysse Kushinski, “[...] coisas são descartadas, sítios são abandonados, muito antes de se tornarem inteligíveis dentro da semiótica da ruína clássica” (KUSHINSKI, 2016, p.04. Tradução nossa).

Mas afinal o que nos comunica a imagem do abandono? A imagem em si pode se tornar estéril se a apartarmos de seu locus, as paletas de cores e efeitos de luz e clareza ou a decrepitude adaptada às diferentes plataformas de representação da imagem do abandono (pinturas, vídeos, artes visuais, fotos analógicas, fotos digitais, entre outras) podem desviar o cerne reflexivo de seu âmago emancipatório do tempo e do espaço. Através desta perspectiva, compreendo que a visita in loco é o instrumento de captação mais eloquente por englobar uma percepção holística, na qual os sentidos (visão, audição, tato) se amalgamam, gerando uma peculiar maneira de se apreender o entorno e seu potencial comunicativo. Esses ambientes fantasmagóricos se comunicam através dos ventos, dos uivos de peças metálicas entrecortadas por paredes destroçadas, pela concretude arrasada incapaz de se consolidar com um parâmetro normativo de concepção urbano-arquitetônica. Os lugares abandonados condensam em sua imagética toda uma gama de sentidos impossíveis de serem verificados em qualquer outro ambiente. A ausência de pessoas nesses locais corrobora ainda mais para uma percepção arguta desses fragmentos urbanos; o silêncio que nos arrebatava se mistura com um assombro ilusório da possibilidade de risco e perigo; nosso entendimento então é perpassado por névoas de contorção de referências antes apenas abstratas e agora palpáveis. Afinal, na doutrina de alicerçamento da estética da cidade não nos ensinaram a observar a decrepitude como parte fundante desses espaços residuais, desses desertos urbanos.

Destarte, seria sensato de nossa análise perceber a ruptura que os espaços urbanos vêm sofrendo com o abandono da centralidade setorial dos espaços típicos da sociedade industrial moderna para a descentralização do espaço urbano na pós-modernidade (promovida pela amplitude da mobilidade urbana dos meios de transportes e sua extensa rede urbana de fluxos integrados, bem como da comunicação digital de alta

velocidade da hipermidia e de seus serviços em geral), contudo também pelo próprio *modus operandi* do capitalismo, o “progresso” e o movimento característicos de nossa sociedade capitalista contemporânea seriam assim a assertiva de uma nova forma de acumulação de capital flexível (sociedade da informação), fazendo da ruína um testemunho inscrito deste brutal movimento na paisagem urbana das cidades. A hiper mobilidade do capital dá suporte ao arruinamento intensificado do espaço edificado que será a expressão no corpo das cidades desta dialética do progresso. Essa nova maneira fragmentada de construção dos espaços urbanos engendrou também uma descentralização da subjetividade e da representação imagética da cidade e, portanto, se faz necessário uma postura não hegemônica e plural na concepção estética da urbe. Segundo Henri-Pierre Jeudy: “A cidade excede a representação que cada pessoa faz dela. Ela se oferece e se retrai segundo a maneira como é apreendida” (JEUDY, 2005, p.81).

A representatividade simbólica dos lugares abandonados resplandece no contexto da sociedade contemporânea pós-industrial, mesmo que estes lugares sejam repudiados pelo interesse do capital especulativo e pela maioria da população. Essas ruínas urbanas do presente não são invisibilizadas do espaço cidadão. Sua presença marcante como cicatrizes no território habitado enuncia novas perspectivas no entendimento da cidade.

Os lugares abandonados são renegados pelos olhares cidadãos; eles são alvos de críticas de especuladores imobiliários e agentes do capital e também do poder público que aguardam impacientemente sua demolição para dar lugar a uma futura renovação urbana. Mas, no interstício de sua existência, esses lugares de desolação ainda integram o ambiente e o espaço da cidade.

Mesmo que considerados e apreendidos como espaços transitórios, sua potencialidade e seu papel na representação imagética na cidade se fazem imperativos, ou, caso contrário, estaríamos delimitando um espectro fechado de entendimento da representação da cidade. Dando luz a esse entendimento não hegemônico da cidade, o autor Henri-Pierre Jeudy nos diz:

A cidade não para de se expor, o que não é idêntico ao fato de que se pode expô-la. Sua morfologia global é sentida de maneira orgânica, antes de qualquer construção da representação, pelo imediatismo de nossos modos de apreensão. Ao contrário, a exposição da cidade, as maneiras de pensá-la, de representá-la, se cristalizam em torno da imagem (JEUDY, 2005, p.118).

A cidade tão sem unidade produz ainda assim uma paisagem. Se olhada um pouco mais de perto, há laços implícitos unindo os fragmentos – esses bairros que parecem tão disparatados. Assim é o caso do caminho da montanha de Athis. Caminho abandonado, pouco frequentado (ibid., p.102).

Essa ruptura epistemológica na maneira com que percebemos a cidade e suas representações faz dos lugares abandonados um local que possibilita um novo entendimento dos fragmentos que compõem a paisagem urbana dos espaços da urbe. De acordo com o autor Carlos Fortuna (1999, p.35): “A paisagem urbana pós-moderna é sintomática deste sentido transgressor” e ainda “A paisagem cultural pós-modernizante das cidades de hoje está carregada destes lugares de significados contrastantes” (ibid., p.33). A estética da urbe que se encontra em frequente mutação e transposição agora também deve abarcar o abandono, as paisagens da desolação, como parte integrante de um panorama mais amplo e, portanto, mais democrático na expressão que representa para cada indivíduo que se comunica e se reconhece na imagem e nas identidades das cidades.

E para que essa experiência do pensar, sentir e representar a cidade permita assimetrias de significações, sem anulação de simbolismo e percepções, a exploração urbana e o uso dos lugares abandonados devem ser pretendidos visando um reconhecimento universal do direito à cidade, assunto que abordaremos na próxima parte deste artigo, antes de sua conclusão.

ESPAÇOS LIMINARES E O MOVIMENTO URBEX

No início da década de 1990 um movimento de exploração urbana, denominado *Urbex*, começa a se engendrar de modo espontâneo e desde então cada vez mais pessoas ao redor do planeta passaram a exercer essa prática lúdica de repensar a cidade através de incursões em lugares abandonados (prédios, casas, localidades e cidades). Esses enigmáticos locais que atraem exploradores possuem um significado maior dentro do contexto de nossa sociedade atual e, ao se apropriarem momentaneamente desses ambientes, esses exploradores praticam de alguma maneira uma reapropriação do espaço urbano, com intuítos de ressignificação, na qual os paradigmas do direito à cidade alçam patamares distintos, concatenando o cidadão não somente como consumidor, mas também como produtor ativo de sua realidade.

Embora não seja um movimento social oficial, a

prática dos chamados *urbexers* tem como campo de ação a cidade proibida, os locais onde a vitalidade das trocas sociais se esvai e apenas a concretude dilapidada oferece-se como um cenário, como um ambiente peculiar para a experiência da busca do espanto e do inusitado, permeado de riscos e perigos inerentes à transgressão dessa atividade. Os exploradores urbanos ressignificam os espaços que visitam e também os transformam em alternativos locais de memória. Eles criam novas narrativas da cidade, tornando habitáveis os locais e prédios abandonados.

Apesar de pouco noticiado pelos canais mais recorrentes das grandes mídias, talvez por serem estigmatizados como uma subcultura urbana, os *urbexers* estão muito presentes nas redes sociais, em inúmeros canais do YouTube, fóruns,⁵ blogs, sites⁶ e também em plataformas de compartilhamento de fotos digitais como Instagram ou Flickr. Através de seus canais de comunicação, os ativistas conseguem um espaço onde não apenas podem divulgar suas experiências, mas, principalmente, se conectar com demais exploradores com pontos comuns de interesses, consolidando aos poucos uma rede de intercâmbio e apoio mútuo.

As razões e motivações para a prática se diferem entre os exploradores urbanos, contudo, o deleite e adrenalina ao se depararem com um ambiente em ruínas, onde a arquitetura perde seus parâmetros normativos, permitindo um novo olhar subjetivo de entendimento da desconstrução, parecem estar presentes nas ambições dos *urbexers*.

No seu site oficial chamado *The proper people*,⁷ a dupla de explorados norte-americanos Brian e Michael faz uma descrição sobre suas atividades:

Percebemos que os lugares abandonados existem em um mundo isolado da vida cotidiana da maioria das pessoas, apenas experimentados pelos poucos que veem o mérito em correr o risco de entrar neles. Qual é esse mérito exatamente? Bem, é uma infinidade de fatores, mas eles incluem vislumbres de arquitetura de tempos passados, artefatos históricos, encontrar a beleza na decadência e, acima

5 Merece destaque a iniciativa vanguarda na Argentina da criação do C.A.E.L.A. – Club argentino de exploradores de lugares abandonados. Disponível em: <http://www.caela.com.ar/>. Acesso em: 02 out. 2018.

6 Exemplos de sites sobre o tema: www.hongwrong.com; www.preciousdecay.com; www.abandonedberlin.com; www.ontarioabandonedplaces.com; www.urbex.co.nz; www.telefunker.br; www.abandon.dk; www.terriroioabandonado.org; www.urbanadventures.eu; www.urbexzone.wordpress.com; www.opacity.us; www.caela.com.ar.

7 Disponível em: <http://theproperpeople.com/about/>. Acesso em: 06 ago. 2018.

de tudo, apenas experimentar a emoção de explorar, ser surpreendido e emocionado com o que está em cada esquina (THE PROPER PEOPLE, 2017. Tradução nossa).

A atividade dos *urbexers* certamente é de difícil definição, entretanto, o ativista e explorador urbano Renato Almendra Pantoja, que desenvolve um trabalho de registro através de seu site chamado *Lugares esquecidos*,⁸ busca clarear o entendimento do termo *Urbex*:

O que é Urbex? Urbex, ou Urban Exploration – Exploração Urbana – não é um conceito tão simples, mas é fácil de entender: Nas cidades em todo o mundo, pequenos grupos de exploradores urbanos estão buscando espaços secretos, abandonados, prédios obscuros, esquecidos, subutilizados, inseguros e desconectado das outras estruturas existentes na cidade. São tipos de exploração urbana: infiltração – entradas sem autorização; espeleologia urbana – exploração de subsolos e galerias subterrâneas; aventura urbana – reclamam as ruas para si, tipo de ativismo; historiadores extremos – visitas em lugares perigosos ou quase inacessíveis para fins de estudo; turismo fora dos limites da cidade – exploração de túneis de minas abandonadas; invasões recreativas [...]; Quais os alvos da exploração urbana? Nota-se que há uma diversidade de foco entre os diferentes exploradores, mas as principais áreas de interesse são: drenos, grandes túneis de drenagens abandonados; edifícios abandonados, espaços grandes institucionais, como hospitais, asilos, igrejas etc.; Túneis de antigas linhas de trens, outros tipos de túneis; Telhados, pontes e pontos altos da cidade; infraestruturas industriais decadentes; abrigos de guerra – bunkers – abandonados, silos da Guerra Fria, bases militares; lugares não abandonados, porém ainda em construção – grandes torres, arranha-céus – sempre pela infiltração (entrada não autorizada); fora dos limites da cidade ou para lugares inusitados – minas abandonadas; Urbex é uma subcultura: A Exploração Urbana é considerada como uma subcultura pois agrega grupos e indivíduos complexos e diversificados, mas com a mesma identidade e pensamentos sobre UE. Somos pessoas que nos referimos à “exploração urbana” como uma comunidade. A web nos dá hoje condições para forjar uma identidade subcultural de indivíduos dispersos e isolados, atuando em grupo ou sós (PANTOJA, 2013).

Esses grupos de pessoas com proveniências das mais distintas possíveis (estudantes, historiadores,

arquitetos, arqueólogos, fotógrafos, geógrafos ou apenas aficionados pelo tema) se agregam para realizar essa prática lúdica extremamente vulnerável às instabilidades das estruturas deterioradas, que, além de estarem suscetíveis ao desabamento a qualquer momento, também podem conter nichos e focos de bactérias ou alguma outra forma de potencial risco nocivo à saúde. Não obstante, muitas das vezes essas invasões podem ser consideradas criminais tendo em vista a legalidade da propriedade em questão e frequentemente o encontro com delinquentes ou moradores de rua podem provocar um ruído na comunicação entre esses agentes interessados na exploração do local, ficando nítida a porosidade das relações sociais que estão imbricadas nesta iniciativa.

Porém, que tipo de espaço seria um espaço abandonado? A amálgama de interpretações jurídicas muitas das vezes perde sentido em locais onde o público e o privado (ou o privado e o público) se interpellam de tal forma que não conseguimos clareza na identificação exata dessas modalidades e, por essa qualidade intrínseca, podemos entendê-los como espaços de liminaridade, caracterizados por um limbo que desloca a retórica de sua concretude ruínosa de um passado funcional não mais palpável e ordenável, como também desloca a possibilidade de um futuro assertivo ao passo que também não vislumbra intuítos projetivos.

Abarcando essa sutura de alteridade, o autor húngaro Kata Varsányi traz à luz importantes reflexões em sua dissertação de mestrado⁹ de 2011, intitulada *The social life of ruins: urban exploration of abandoned spaces in Budapest*, e diz:

[...] os prédios abandonados oferecem a liberdade para que os visitantes possam construir suas próprias narrativas, seu próprio entendimento do passado, do presente desse fragmento específico da cidade. A fascinação pelas ruínas se dá em parte pela natureza ambígua que evoca cultura e natureza, ausência e presença, fragmento e totalidade, passado e presente (VARSÁNYI, 2011, p.35. Tradução nossa).

Com fundamento teórico em conceitos baseados no autor Victor Turner e sua teoria da liminaridade,¹⁰ seus estudos traçam uma analogia entre esta teoria e os lugares abandonados, as arquiteturas em ruínas.

8 Disponível em: <http://www.lugaresesquecidos.com.br/2013/08/um-esclarecimento-sobre-urbex.html>. Acesso em: 28 set. 2018.

9 Em sua dissertação de mestrado o autor analisa o movimento Urbex da cidade de Budapeste, na Hungria, por intermédio da observação participante, de entrevistas com grupos que exploram espaços arruinados no tecido urbano da cidade e também através de suas interfaces digitais (sites e fóruns).

10 TURNER, 1969. Apud VARSÁNYI, 2011.

Considerados desta maneira fora de seu tempo e espaço, de caráter transitório, caracterizariam-se então em um estado de liminaridade. São prédios urbanos que perderam suas utilidades e ainda não foram reapropriados para novas funções, sítios arquitetônicos abandonados depois e antes de serem reutilizados.

Os autores Rafael da Silva Noleto e Yara de Cássia Alves publicaram na Enciclopédia de Antropologia do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) um texto esclarecedor sobre a teoria de Victor Turner:

O autor concebe a ideia de liminaridade como correspondendo a um momento de margem dos ritos de passagem: fase ritual na qual os sujeitos apresentam-se indeterminados, em uma espécie de processo transitório de “morte” social, para, em seguida, “renascerem” e reintegrarem-se à estrutura social. Liminaridade é, portanto, uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente (NOLETO; ALVES, 2015).

E ainda, de acordo com o autor Carlo Fortuna em seu livro *Identidades, percursos, paisagens culturais*, no capítulo intitulado “As cidades e as identidades – narrativas, patrimônios e memórias”:

Por via quer da sua dimensão estética e artística, quer da sua materialidade arquitetônica, quer do seu simbolismo, estes lugares não se limitam apenas a parecerem templos, eles funcionam enquanto tal. Implicam estados de transitoriedade da condição social e, sobretudo, dos estados de espírito e das emoções dos sujeitos. [...] Observar qualquer coisa é torná-la objeto dos nossos sentidos, exercer uma influência sobre ela, transformá-la consumida (FORTUNA, 1999, p.34).

As ruínas e os restantes exemplares do patrimônio histórico são, portanto, espaços ritualísticos, que podem suportar a transformação da identidade dos sujeitos, através de processos sociais semelhantes à condição de liminaridade, contida nos ritos de passagem estudados por Victor Turner (1969) (ibid., p.34).

Achar um sentido nesse determinado tipo de espaço ou precisar uma terminologia nem sempre é possível e aqui a noção exata de lugares esquecidos, cidade marginal, espaços vazios, zonas mortas, áreas destruídas, lugares vazios, espaços liminares, terra de ninguém, zonas pós-arquitetônicas, espaços indeter-

minados, espaços de incertezas ou desertos urbanos,¹¹ parece confluir para uma abordagem da condição de espaços periféricos, que não necessariamente se detém ao aspecto geográfico da não centralidade: seria, sim, uma mistura de entendimentos temporais, espaciais, sociais e de periferia econômica, locais que não estão presentes nas retóricas e ações dos grandes movimentos sociais, do capital imobiliário, das políticas públicas e da grande mídia. De qualquer forma, a analogia à periferia e áreas marginais sempre evoca uma reflexão sobre centralidade, que é alterada quando os exploradores urbanos atuam e relativizam essa dinâmica.

CONCLUSÃO

Que urbanidade estamos construindo em nossas cidades, se não temos as habilidades necessárias para sua manutenção, propagação no tempo e no espaço dos territórios em que habitamos? Talvez a inflexão de seu destino tenha petrificado as respostas das péssimas opções que projetistas urbanos e a incessante pulsação do *modus operandi* das cidades capitalistas tomaram como verdade. Neste sentido, busquei ressaltar a importância crucial do dever de explorá-las, analisá-las e vivenciá-las, pois somente desta forma entenderemos as errâncias da história e respeitaremos sua concretude como templos isolados, que emanam significados alusivos aos ciclos e à decadência ruínosa de nossa sociedade pós-industrial.

A arquitetura e o urbanismo não se excluíram do devir cidadão que se atropela e se desmantela perante a inexorável passagem do tempo. A ruína é carregada de significados, portanto, digna que se preze pela sua autenticidade, conclamando sua essência, e que, no seu interstício de valor estético, postula princípios fundantes do ambiente urbano em colapso enquanto fragmento integrante da representação imagética e da concepção estética que temos da cidade.

Apesar de reconhecer os esforços que o ramo da conservação e do restauro executa para salvaguardar o patrimônio edificado e das propositivas de reocupação dos espaços ociosos, seja através do capital mercantil imobiliário ou de ativos culturais, não foi de interesse deste estudo se debruçar sobre esse recorte e sim o da ressignificação das ruínas como corpo estático, petrificado e consolidado em seu estado real, componente da paisagem urbana e portador de potencial comunicativo e representativo no cognitivo da memória social do lugar.

¹¹ DORON, 2007. Apud VARSÁNYI, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes et al. “O Entendimento de ruína e as estratégias de intervenção projetual arquitetônica”. Belo Horizonte: Publicação, **3º Colóquio Ibero-Americano**, 2014.
- BRITO-HENRIQUES, Eduardo. Arruinamento e regeneração do espaço edificado na metrópole do século XXI: o caso de Lisboa. **Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales**, Santiago: EURE -, 43 (128), p. 251-272, 2017.
- BRITO-HENRIQUES, Eduardo; SOARES, Ana Luísa; AZAMBUJA, Sónia Talhé. Os espaços abandonados na cidade: alternativas aos modelos convencionais de recuperação da paisagem urbana. Comunicação apresentada ao I Colóquio Ibérico de Paisagem, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- CANAL BRASIL. **Fordlândia**. 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x2SpGRuwqA4>>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- C.A.E.L.A. **Club argentino de exploradores de lugares abandonados**. 2009. Disponível em: <<http://www.cacla.com.ar/>>. Acesso em: 2 out. 2018.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade - UNESP, 2006.
- COWEN, Richard. **The “Saga” of the Centralia, PA Underground Mine Fire**. (s.d.) Disponível em <<http://epidote.wvgs.wvnet.edu/enviro/centralia.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- DAVIS, Mike. **Cidades mortas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- FORTUNA, Carlos. **Identidades, percursos, paisagens culturais**. Estudos sociológicos de cultura urbana. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- FORTUNA, Carlos. Simmel e as cidades históricas italianas: uma introdução. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 67, dez. 2003.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Editora Martins Fontes, selo Martins, 2014.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014. (Coleção Cidades)
- JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2005.
- KUSHINSKI, Alysse. Light and the aesthetics of abandonment: HDR imaging and the illumination of ruins. **Transformations Journal of Media & Culture**, n. 28, 2016.
- MELA, Alfredo. **A sociologia das cidades**. Lisboa: Editorial Estampa, Ltda, 1999.
- MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2009.
- NOLETO, Rafael da Silva; ALVES, Yara de Cássia. **Liminaridade e communitas - Victor Turner**, 2015. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victor-turner>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias de. **O pensamento de John Ruskin**. 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087>>. Acesso em: 5 ago. 2017.
- PANTOJA, Renato Almendra. **Lugares esquecidos**. 2013. Disponível em: <<http://www.lugaresesquecidos.com.br/2013/08/um-esclarecimento-sobre-urbex.html>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- RAMOS, Diana Helene. **A guerra dos lugares nas ocupações de edifícios abandonados do centro de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- THE PROPER PEOPLE. **The Proper People**. 2017. Disponível em: <<http://theproperpeople.com/about/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.
- VARSÁNYI, Kata. **The social life of ruins: urban exploration of abandoned spaces in Budapest**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia Social) – Departamento de Sociologia e Antropologia Social, Universidade Central da Europa - Budapeste, 2011. ■

Rafael Ferreira de Souza é graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Pós-graduado (Lato Sensu) em Política e Planejamento Urbano pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ e Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense - UFF. rafaeldeferreira@gmail.com